

**QUERÊNCIA 80**  
(Antônio Fagundes Filho)

Já fui gente, hoje sou sombra,  
Tive nome, tenho número,  
Mas nas sombras da cidade  
Ainda brilha minha luz.  
Onde está a querência de meu pai?  
Por que morreram os meus heróis?  
Dos mais profundos rincões do tempo,  
De que vale agora a minha memória?  
Pesquei fronteiras, abri picadas,  
Trilhei caminhos de fogo e sangue.  
Para que?  
Num mundo imenso de cinza e ferro,  
O que farei do verde que trago nos olhos?  
Num mundo imenso de covardia,  
O que farei na minha coragem?  
Num mundo imenso de traição.  
O que farei da minha honra?  
Não posso mais ignorar a ferrugem  
Que cobre a minha adaga.  
O sangue dos meus avós tingiu de rubro  
O chão que me é negado.  
Duzentos anos passei montando a cavalo,  
De arma na mão,  
Defendo o meu direito de ser gaúcho,  
O meu direito de ser.  
Para que?  
O que farão vocês de mim?  
Vão me esquecer, me cantar,  
Ou me louvar precocemente  
Num funeral sem defunto?  
Eu não morri, nem virei peça de museu, nem morrerei!  
Eu sou o sangue nas veias!  
Eu sou o vento gelando seco os ossos das cidades mortas!  
Eu sou aquele que percorre marginalizado e sozinho,  
Os campos da querência 80...  
Eu sou a ânsia de liberdade que vocês nunca sentiram!  
Eu sou o medo rasgando a espinha e acelerando o cavalo, rumo à batalha!  
Digam que já morri, apressem meu funeral,  
Mas quando os anjos fizarem soar  
As trombetas de apocalipse  
Ainda haverá um gaúcho sobre a terra!